

**Da montagem fotográfica a representação de masculinidade:
Uma leitura de duas capas da *G Magazine* (2005)**

FÁBIO RONALDO DA SILVA*
ADA KESEA GUEDES BEZERRA**

O recurso tecnológico, especificamente a montagem de fotos, é comumente usado pelas revistas, em específico, temos duas capas da *G Magazine* que, até então, durante a sua história nunca havia mostrado dois homens juntos e, o mais interessante, são homens que se tornam notícia mais pelo que falam do que pelo corpo e/ ou virilidade, como poderemos observar mais adiante.

Essas capas são as únicas que foram publicadas em 2005 onde há mais de uma pessoa retratada no mesmo espaço, uma vez que esses homens retratados não trocam olhares, nem sorrisos, nem conversam entre si, como ignorassem a presença uns dos outros e buscasse cada um seu interlocutor fora do espaço onde estão - dizer que estão retratados no mesmo espaço é diferente de dizer que foram fotografados juntos. Nada impede que tenha sido feita uma montagem em que eles, fotografados isoladamente, apareçam juntos. O “distanciamento” existente entre eles serve ainda para evitar a existência de uma intimidade entre os mesmos. Dessa forma, não se pode associar nenhum sentimentalismo masculino a eles.

Sobre as duas capas que seguem, é importante destacar que os dois “ícones gays” brasileiros, Clodovil Hernandez e Jean Wyllys, estão do lado esquerdo da revista. Ambos possuem traços e trejeitos que contribuem para que os mesmos não mostrem o corpo nu na revista, mas o que pensam, pois não são sujeitos dotados de virilidade suficiente para posar nu na *G Magazine* que, desde a sua primeira edição, traz homens que com posições, roupas ou com o próprio corpo, representam a masculinidade e virilidade. Por esse motivo, eles não aparecem sozinhos e os modelos que estão do lado deles possuem uma grande carga de virilidade, não em objetos ou elementos componentes de cenário, mas a virilidade está na própria forma física do corpo e isso

* Faculdades Integradas de Patos (FIP), Mestre em História pelo PPGH/UFCG.

** Faculdades Integradas de Patos (FIP), Doutoranda em Ciências Sociais pelo PPGS/UFCG

nos faz corroborar com a idéia de que, aqui no Ocidente, em especial, o ideal de masculinidade, mais do que nunca, é o resultado de complexas elaborações culturais.

Oliveira (2004) afirma que tanto a modernidade quanto as características assumidas como masculinas andam juntas e essa união poderá ser percebida em vários momentos da história, isto é, dos revolucionários franceses radicados na crença de que novos símbolos fariam novos homens até os triunfantes ideais burgueses e seus valores de classe média.



Fig. 01: Abril de 2005



Figura 02: Maio de 2005

Elias (1994)¹, Luhmann (1991)² e Mosse (1996)³ vão argumentar sobre a relevância das alterações no padrão de relacionamento entre os sexos para a economia de poder entre os gêneros, tanto no período medieval quanto na Idade Moderna, onde

¹ ELIAS, Nobert. O processo civilizador. Volume I: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zagar, 1994a

² LUHMANN, Niklas. O amor como paixão para a decodificação da intimidade. Lisboa: Difel, 1991

³ MOSSE, George L. The image of man. The creation of modern masculinity. New York: Oxford University Press, 1996

estas mudanças ainda poderão ser sentidas na contemporaneidade no tocante a questão do masculino. Todavia, como sabemos, essa ruptura não vai se dar de forma abrupta, pois durante o processo de transição histórica sempre existem aspectos e/ou características das formações sociais que acabam permanecendo na nova configuração gestada, ainda que reformuladas ou modificadas.

Elias *apud* Oliveira (2004) fala sobre essa ligação ou resquílios do passado que se faz existir no presente:

O passado nunca é simplesmente passado. Ele age – com maior ou menor força, de acordo com as circunstâncias – como uma influência sobre o presente. Não apenas por causa da inércia das tradições que deslizam cegamente de era em era, mas também porque uma imagem de fases pretéritas da nossa própria sociedade, por distorcida e deformada que possa ser, continua vivendo na consciência de gerações subseqüentes, servindo involuntariamente como um espelho onde cada um pode ver a si mesmo. (ELIAS, 2004:21)

Podemos citar como exemplo, alguns valores ou características do ser “masculino” que foram sofrendo mudanças, mas que, até os dias atuais são importantes para “definir” alguém como másculo a exemplo da lealdade, proibição, correção, coragem, bravura, dentre outros. “Certas características comportamentais como coragem e bravura, por exemplo, serão progressivamente destituídas de seu caráter de violência explícita” (OLIVEIRA, 2004:23). Elas se formarão a partir de firmes contornos estipulados por imperativos morais essenciais.

Desta feita, a sociedade vai associando, ao homem e à mulher, as características a eles relacionados e isso acabará ajudando a distinguir, segundo os padrões culturais, o que é e o que não é do masculino ou feminino, sendo tais posicionamentos apreendidos pelo imaginário das pessoas e que vai delimitar ou se fazer permissível, simbolicamente ou não, o lugar do homem e da mulher seja dentro ou fora de casa, isto é, nos seus papéis sociais e de gênero, seja nos gestos, no modo de se vestir, de falar, dentre outros. Essa produção de/das subjetividades masculinas, estarão nas relações de força que dirigiriam uma estratégia articulada, procedimentos de sujeição de corpos e construção de estereótipos.

Essas tais “regras” também se farão presentes entre os homossexuais masculinos, especialmente, onde se fará uma distinção entre os homossexuais dotados de virilidade e dos que dela são faltosos ou, em outras palavras, dos ativos e, logo, másculos e discretos, e dos passivos, afeminados e notáveis.

Pelas duas capas e por determinados posicionamentos ou características tanto do Clodovil quanto do Jean Wyllys, quem os vê poderá associar a imagem deles à homossexuais, o que é comum, mas homossexuais que não são dotados de elementos que os tornam viris e, o mais importante, são homossexuais assumidos, o que, como veremos mais adiante, fará que se crie um maior preconceito com os mesmos, pois, sendo dotados de trejeitos femininos e sendo assumidos, será associado a eles, a imagem de “homossexual passivo” os quais são geralmente chamados pela sociedade de “bicha”, “veado”. A identidade desse grupo de homossexuais é sempre atribuída à criatividade, à sensibilidade artística e o humor, como se fosse algo natural de tal gênero (FRY, 1983).

É válido trazer aqui a discussão de Fry (1982), onde ele faz uma análise das representações sobre a sexualidade masculina e as retóricas sexuais que vão estabelecer as relações hierárquicas ou igualitárias entre homens no Brasil.

Segundo o autor, existiam três sistemas de representação de identidades sexuais masculinas: o primeiro, localizado na periferia de Belém, a hierarquia é baseada na relação homem (masculino e ativo) e bicha (feminino e passivo), pressupondo que o homem poderia ter uma vida sexual com outro homem desde que ele exercesse o papel ativo em todas as relações sexuais; desta feita, o papel de gênero era quem delimitava a hierarquia, igualando o lugar do homem ativo à idéia de masculinidade – isso ainda é uma constante não apenas em Belém mas em várias regiões do país; o segundo sistema de representação foi encontrado pelo autor nas classes médias das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e se baseava na igualdade sexual postulado pelo movimento feminista no fim da década de 1960, no qual se recusaria a hierarquia homem/ativo bicha/passivo para se estabelecer uma relação igualitária entre homens (heterossexuais) e homens (entendidos), por essa forma de classificação, se o homem mantivesse relações sexuais como ativo com outro homem, ele deixaria de ser “homem mesmo” para se tornar “entendido”; o terceiro e último esquema de representação era formulado pelas ciências médicas do século XIX, que dividia o sistema de identidades sexuais entre três modelos: o homem heterossexual, o homem passivo invertido (efeminado) e o pseudo-heterossexual que na verdade era um homossexual ativo pervertido (masculino), ou como se diz hoje em dia, homossexual que não saiu do “armário”. Nesse sistema de

representação, a grande divisão está delimitada entre homens heterossexuais e homens homossexuais, estabelecendo uma hierarquia que delimita o papel da masculinidade.

Parker (2002) afirma que esse sistema “tradicional” de significações sexuais é sempre influenciável, passando por modificações, como já foi dito anteriormente, todavia, tais significações estão ancoradas em práticas e significados que, em todo o mundo latino foi denominado genericamente de “machismo”. Guimarães (2004) corrobora com a idéia apresentada e ainda diz que, no Brasil, onde a sociedade é patriarcal e “machocêntrica”, a divisão macho-fêmea terá como “ponto norteador” o machismo, modelo “ideal” de masculinidade, ao qual é referida sua complementação, ou seja, o modelo ideal de feminilidade. “Os termos utilizados para configurar a categoria machismo, tais como “coragem”, “dominância”, “poder”, “agressividade”, “invulnerabilidade” etc., servem como ponto de referência para categoria social mulher, numa espécie de jogo de termos antônimos”. (GUIMARÃES, 2004: 44)

Nas capas vistas anteriormente, podemos observar que a “fragilidade” dos dois, Clodovil Hernandez e Jean Wyllys, foi reforçada pelos gestos e pela vestimenta, em especial como podemos perceber: Clodovil (fig. 01) está sentado em uma cadeira com *design* de formas curvas e suaves, com as pernas cruzadas e a mão colocada na cintura. Tais posições, em nossa cultura, são associadas há hábitos femininos e não masculinos. Logo, se são associados aos hábitos femininos, automaticamente fica subtendida a passividade sexualmente falando dos dois “ícones”.

Retomando rapidamente a discussão acerca do uranismo⁴ na Grécia e, conseqüentemente, a efeminização, cito aqui Brammer *apud* Prado & Machado (2008) que nos diz que,

Enquanto homossexuais modernos muitas vezes ocupam uma posição marginal na sociedade e são normalmente considerados como efeminados, na Grécia, era a pederastia que propiciava acesso ao mundo da elite social; era apenas a relação pederasta que transformava o rapaz em um verdadeiro homem. (BRAMMER *apud* PRADO & MACHADO, 2008: 26)

Assim, tanto Jean (fig. 02) e, bem mais, Clodovil (fig. 01), pelas vestimentas, gestos e poses em que se encontram que reforçarão ou tornarão mais acentuada a emasculação ou não virilidade nas imagens contribuirão para não relacioná-los ao

⁴ Uso essa palavra, pois homossexualidade, homossexualismo, homoerotismo não existiam naquele momento.

universo masculino, tendo este como um espaço de homens machos, fortes e viris, essencialmente com aquilo que a própria sociedade entende como a obrigação do homem, comandar, proteger e dominar, mas a um contexto de homens emasculados, que não demonstram potência, mas fragilidades, homens amolecidos, logo, que “saíram do armário⁵”, isto é, assumem socialmente a identidade homossexual.

Clodovil Hernandez e Jean Wyllys estão nas capas, mas seguidos de modelos musculosos, mostrando a virilidade não com ícones ou símbolos, mas com o próprio corpo em forma, esculpido. “À medida que o corpo se avoluma, a personalidade também se transforma. Desaparecem os modos ‘cautelosos, passivos’” (PAGLIA, 1993:85). Corroborando com essa afirmação, o olhar de quem observa a revista tende a se deslocar para a zona privilegiada (superior e/ou à direita), onde se encontra o rosto do modelo, para a qual seu olhar se dirige, estabelecendo uma nova zona privilegiada no campo de visão. Todavia, antes de voltarmos às observações da capa com o ex-BBB se faz necessário fazer uma breve discussão no tocante a “zona de olhar”.

Segundo Dondis (1997:39), o olho favorece a zona inferior esquerda de qualquer campo visual. A princípio, isso indicaria, para todas as capas mostradas e as próximas, que o olhar do leitor se concentraria na parte inferior da página. Todavia, isso acontece quando existem elementos localizados em condições opostas, isto é, na parte superior e/ou à direita do campo visual, a composição visual caracteriza-se por uma tensão, ou seja, os elementos presentes nas fotos ou mesmo certas disposições dos corpos do modelo que interferem no equilíbrio compositivo, e, assim, exercem maior peso de atração visual. Uma perturbação pode ser um efeito de luminosidade que contrasta com regiões mais escuras, um ponto, uma linha diagonal, a sensação de movimento etc. No caso das duas capas, a “perturbação” será o corpo, dos modelos.

Os elementos situados nessas áreas de tensão têm mais peso do que aqueles nivelados na zona preferencial, ou seja, tem mais capacidade de atrair o olho (DONDIS, 1997). Assim, os rostos dos modelos, encontram-se todos na parte superior das capas,

⁵ Tal ato pode ser definido como “revelar publicamente a construção identitária (sentimentos, práticas e desejos) homossexual. Pode apresentar níveis distintos. Algumas pessoas se assumem apenas em âmbitos mais restritos e seguros, outras fazem disto um lema de vida, enfrentando o preconceito e a discriminação em âmbitos mais ousados. Sair do armário pode ser visto como uma ação política e, por isto, é motivo de divergências dentro dos movimentos GLBTs. Alguns acham importante denunciar a homossexualidade de vultos históricos e pessoas famosas (vivas ou mortas) e incentivam que todos assumam publicamente; outros acham que sair do armário é uma questão extremamente pessoal e deve ser respeitada” (PRADO & MACHADO 142-3)

portanto, numa zona do campo visual que atrai o olhar. Além disso, os rostos estão todos localizados próximos ao logotipo. Sabemos que o logotipo é o nome, a identificação da revista, portanto, o fato de o rosto estar localizado perto dele é também significativo no que se refere ao direcionamento do olhar do leitor. E o fato de se localizarem no alto da página e próximos ao logotipo faz dos rostos elementos privilegiados no primeiro contato que o leitor tem com a revista.

As fotos, “salvo no cerimonial forçado de algumas reuniões tediosas” (BARTHES 1989:145), devem ser olhadas quando se está só, o que pode sugerir um momento de intimidade entre o leitor e o modelo. São milhares de exemplares da mesma revista, para milhares de leitores que vão consumir o(s) mesmo(s) corpo(s), porém, o leitor seduzido pelo olhar do modelo, pode ter a sensação de privacidade e intimidade com aquele corpo que, pelo tempo em que ele o observa, é dele. A presença do outro, no caso o leitor, é tão evidente e tão necessária que, se observarmos bem as capas aqui expostas, não há nenhum olhar de surpresa ou de constrangimento dos modelos por estarem sendo vistos em situação de nudez e desnudamento. Trata-se antes de um olhar de cumplicidade, um olhar que convida o leitor a comprar a revista e de participar do desnudamento.

Dando prosseguimento, voltamos às observações da capa onde aparece o ex-BBB Jean Wyllys e Alê Mañas, do *reality* show A Casa dos Artistas⁶. Percebemos que o Jean está vestido com calça jeans e camisa florida. Com um olhar desatento, associamos a camisa que o Jean está vestido à aquelas que, geralmente, os surfistas usam. Todavia, se observarmos atentamente as flores que estão desenhadas no tecido, veremos que elas tem traços delicados, pontinhos, além das cores fracas, de forma implícita, para reforçar a imagem de não-viril do Jean Wyllys e fazer com que desloquemos o nosso olhar, quase que de imediato, para o modelo Alê Mañas. Ao observamos essas duas capas, o que importa não é mais o apresentador de televisão Clodovil ou o professor e vencedor do *reality* show Big Brother Brasil 5, Jean Wyllys, os não-viris, mas os modelos que estão ao lado deles, dotados de toda a virilidade e, mesmo com a ausência de pêlos, aquela não está comprometida devido aos músculos trabalhados e de aparência rígida.

⁶ Programa exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)

Magnavita (2008) discutindo a respeito do “ideal” que há na mente das pessoas, e em especial, naquelas que são homossexuais afirma que,

um sujeito pode ser homossexual, contanto que não seja uma "maluca desvairada e caricata" (leia-se: afeminado) e, ao que parece, ser "velho" é também um demérito, e não uma condição natural e inevitável da biologia. Tal discurso não dá espaço para a invenção da homossexualidade a partir de um ativismo constante e auto-questionador, conforme nos propõe Foucault. Existe, para este tipo de militante, uma forma ideal de ser homossexual, uma forma que, justamente por ser idealizada, exclui terminantemente uma realidade: efetivamente, existem homens homossexuais afeminados, quer gostem disso ou não os gays descolados, modernos e másculos⁷.

Tal afirmação do autor nos indica que, dentro do próprio grupo que já é estigmatizado por grande parte da sociedade heterossexual, existem outros grupos que sofrem preconceitos por não serem viris, por serem gordos, velhos etc. O que nos mostra que há uma seleção, dentro do grupo homossexual, do que é e o que não é bem vindo, o que podemos denominar de preconceito, havendo dessa forma, um grupo que domina, isto é, os másculos, viris, pois são discretos, logo, não percebidos pela sociedade quanto a sua orientação sexual e os dominados, os efeminados, não viris, tidos como passivos e que causam “vergonha”. São esses últimos à que será negada a existência nas capas da revista *G Magazine*.

É possível associar as críticas sobre a representação de homossexuais não dotados de virilidade, que geralmente aparecem na mídia, às críticas que um homem afeminado sofreria na antiga Grécia. Como aponta Magnavita (2008)

é extremamente comum, nos tempos modernos, a afirmação ‘eu sou gay, mas não sou afeminado e detesto afeminados’. Além disso, saliente-se o fato de que o termo pejorativo “bicha passiva” é amplamente utilizado por muitos homossexuais para se referir a outros com sinal de evidente desprezo. Nada disso é muito novo, e quem enxerga a antiga Grécia como um paraíso da diversidade gay, se equivoca profundamente⁸.

Veyne (1999) nos mostra que um homófilo passivo (*diat ithemenos*) era desprezado e rejeitado tanto na Grécia quanto em Roma, especialmente pelo exército. Não ser dotado de virilidade era visto pelos antigos greco-romanos como algo desprezível. Na modernidade, mesmo por razões distintas, muitos homossexuais

⁷ Retirado do sítio: <http://www.portalcienciaevida.com.br/ESFI/Edicoes/22/artigo87205-1.asp> acessado em 30/04/2009.

⁸ Idem, ibdem

parecem sofrer da mesma aversão à passividade sexual masculina, pois ainda associam passividade à feminilidade.

Como aponta Magnavita (2008) há entre os homossexuais, um modelo normativo, que irá se basear em regras e em “modos de ser” que, longe de criar sujeitos criativos, vai criar aquilo que Foucault denominou de “clones”, “ao se referir aos homens de aparência similar nas paradas gays (na época de Foucault, homens com fartos bigodes e óculos Ray Ban; modernamente, homens anabolizados e preferencialmente depilados)”.

Como poderemos observar nas capas aqui mostradas, a grande maioria trará homens malhados, com corpos depilados. Estes “clones”, ao contrário de criarem a obra de arte de suas próprias existências, compraram o modelo pré-fabricado, uma identidade de plástico, uma identidade que busca o idêntico: o modelo, o molde, o “dever ser” másculo, viril, discreto e sem afetações.

Referências Bibliográficas:

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume I: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994^a
- FRY, Peter. **Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2004
- LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão para a decodificação da intimidade**. Lisboa: Difel, 1991
- MOSSE, George L. **The image of man**. The creation of modern masculinity. New York: Oxford University Press, 1996
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A Construção Social da masculinidade**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004.
- PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Editora Best-Seller, 1991.
- PRADO, Marco Aurélio Maximo e MACHADO, Frederico Viana. **Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade** – (Preconceitos; v.5). São Paulo: Cortez, 2008
- VEYNE, Paul. **A elegia erótica romana**. São Paulo: Brasiliense, 1985
- PAGLIA, Camille. **Sexo, arte e cultura americana**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.